

Experimentação da escrita: a arte do estilo em Nietzsche e Clarice Lispector.

Quésia Oliveira Olanda

Mestranda em Filosofia na UERJ

<http://lattes.cnpq.br/3297948645119846>

olandaquesi@gmail.com

57

Para Nietzsche, importa mais o estilo do que o método. Não se trata apenas de escrever, mas de como se escreve. Sendo assim, abordaremos esse assunto a partir da sua obra, atrelando-a a Clarice Lispector, tendo em vista a relevância desse assunto também nos escritos da autora. O presente trabalho tem por objetivo aproximar a estética da escrita desses pensadores. Faremos, portanto, ponte entre Filosofia e Literatura. Ponte que não separa, mas que atravessa.

Nessa travessia, usaremos como aporte teórico algumas obras nietzschianas, sobretudo seu *Ecce Homo* (1908) que, além de ser autobiográfico, fala sobre uma arte do estilo, compreendida como um trabalho estilístico da linguagem, a fim de que, através dela, os afetos sejam comunicados. Usaremos também *Assim Falava Zaratustra*, para expor a questão do estilo e o ensaio *Sobre a verdade e mentira no sentido extramoral*, no qual Nietzsche escreve sobre a importância da metáfora em seus textos.

Nosso filósofo elabora críticas a um modelo racionalista de linguagem, pois esse inferioriza o teor artístico como um todo, ao passo que, coloca a lógica e a dialética em um lugar de superioridade. “O modo Clarice” de escrever também denuncia essa tradição, como em *A Paixão Segundo GH* (1964). Ambos conduzem as palavras como numa dança, ora aforismática, ora dissertativa, ora poética.

Ambos são, ainda, escritores que não se limitam a um modelo. Nesse sentido, é possível dizer que a escrita de ambos é uma escrita da diferença. Nietzsche encara a filosofia como estilo, e assim o faz em seus escritos. A escrita é, portanto, um exercício que se encontra sempre no mar das muitas possibilidades ou em termos derridianos, se encontra no campo da disseminação, feita em dobras. De forma parecida, Olga Borelli, amiga e biógrafa de Lispector comenta que, para Clarice, “escrever era experimentar”

(Borelli, 1981). São como escritas de um *flâneur*– termo que Benjamin retirou da poesia de Baudelaire –, pois o pensador alemão valoriza "pensamentos caminhantes".

Contrariando a escrita sistemática, defenderemos uma arte do estilo que é plural, inventiva, pois como disse Derrida: “Se há estilo, Nietzsche no-lo recordou, ele só pode ser plural”.

Palavras-chave: Estética. Escrita. Estilos.

Bibliografia

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector, esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CRAGNOLINI, Mónica B. *Nombre e identidad: filosofar em nombre próprio*. Ponencia al X Congreso Nacional de Filosofía, Huerta Grande, noviembre de 1999.

JACQUES, D. *Margens da Filosofia*. São Paulo: Papyrus, 1991.

LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a verdade e mentira no sentido extramoral*. São Paulo: Hedra, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

NUNES, Benedito. *O Drama da Linguagem, uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1973.